

#ART: ENTRE O PÚBLICO E O ARTISTA VISUAL

Yanne Alves Roberto (CA/UFPEL)

yanne.alves@gmail.com

Neiva Bohns (CA/UFPEL)

bohnsventos@gmail.com

RESUMO

As novas produções artísticas muitas vezes desafiam os limites do sistema das artes, valorizam a participação, a interação e até mesmo a colaboração do público. Pensando na sociedade em redes, de constante interação dinâmica e compartilhamento de experiências, este trabalho de pesquisa busca investigar o uso dos ambientes virtuais por parte dos artistas visuais contemporâneos, que acabam por lidar com um público/usuário cada vez mais diversificado. A utilização, por parte de artistas, de ferramentas de comunicação de redes sociais como *Facebook* e *Instagram* será analisada no decorrer do trabalho. Neste universo de compartilhamentos, em que a vida real se intercrucza com a vida virtual, as questões que se colocam são: existe um ambiente específico para arte contemporânea? Como funciona este ambiente no ciberespaço? A fundamentação teórica da pesquisa se baseia em autores que abordam a relevância dos estudos da “*web art*” presentes na cultura visual contemporânea.

Palavras-chave: Arte Contemporânea. Produção Artística. Recepção. Redes Sociais.

INTRODUÇÃO

A arte vem se desenvolvendo ao longo dos séculos, relacionando-se, em cada período, com a sociedade que a produz e que permite sua existência. Com isso, podemos perceber que a obra de arte estaria agindo como mediador entre o artista visual e o público. O público, durante séculos, constituiu-se num conjunto de apreciadores, exercendo a função apenas de receptores das ideias propostas pelos artistas. Do outro lado estavam os artistas plásticos e suas obras. Em geral as obras de arte se encontravam em espaços reais, físicos, que muitas vezes acabaram se constituindo em espaços de culto à arte. Esta concepção, no seu sentido mais estrito, foi adotada por muito tempo

em instituições como museus, galerias, salões de exposições e escolas de arte, que atuavam exclusivamente como um canal entre o mundo “artístico” e a sociedade.

Cabe lembrar que os museus, inicialmente, não foram criados para serem espaços para os apreciadores de arte. A intenção era apenas guardar os quadros, esculturas e outros objetos de memória cultural, em local seguro, com capacidade de armazenar objetos. Não podemos esquecer que também foram espaços muito restritos, que não eram abertos aos cidadãos. Apenas nos tempos modernos começaram as exposições abertas. Em 1793 foi criado, na França, o primeiro museu público com referências ligadas ao meio artístico: o Museu do Louvre. Os museus foram se desenvolvendo, e ao longo dos tempos, tornaram-se o principal canal mediador com a sociedade.

Na contemporaneidade, o papel das instituições museais vem sendo questionados pela atuação dos artistas e pelas novas formas de distribuição da produção artística. Como se sabe, a arte contemporânea trabalha com várias linguagens diferentes, rompendo com as amarras estéticas do passado e constituindo um universo em constante expansão. De acordo com Arthur Danto, “a arte contemporânea é por demais pluralista em intenção e realização para se permitir ser apreendida em uma única dimensão [...] o museu é apenas parte da infraestrutura da arte...” (DANTO, 2006, p. 3). Muitos trabalhos atuais são concebidos para serem transpostos para além dos muros institucionais. Com isso, surge a questão: haveria um ambiente/espço específico para arte contemporânea? A partir de uma visão extra museológica, as possibilidades na sociedade contemporânea de espaços para fins artísticos são inúmeras.

Como o homem está sempre reinventando seus meios de expressão, as novas produções artísticas muitas vezes desafiam os limites do sistema das artes, valorizando a participação, a interação e até mesmo a colaboração do público. Assim ativam os dois pólos da criação artística: de um lado o artista, do outro, o público em geral. Do mundo real/material ao mundo virtual, tanto o indivíduo propositor e o receptor se tornariam apenas uma nomenclatura: o usuário. Assim, neste ciclo o público pode se conectar à arte em qualquer lugar e hora, onde tiver internet. De acordo com Valzeli Sampaio,

A imaterialidade das obras, os corpos fora do lugar, a quebra de fronteiras, a fugacidade do provisório ainda nos soa estranho aos nossos hábitos perceptivos fortemente marcados pela presença de

objetos físicos "únicos" no espaço expositivo presencial. Esta nova existência instaura outras formas de experienciar e de perceber. As obras se desmaterializaram e se multiplicaram, portanto, não faz mais sentido pensar num espaço físico para expô-las, ou num lugar para onde o público deveria se dirigir em períodos preestabelecidos. Elas poderiam ser recebidas em casa pelos mais variados meios, como o telefone, o videofone, o fax, o rádio e a televisão, ou ser "acessadas" por meio de redes telemáticas como a Internet. (SAMPAIO, 2015)

Pensando na sociedade em redes, de constante interação dinâmica e compartilhamento de experiências, este trabalho de pesquisa busca investigar o uso dos ambientes virtuais por parte dos artistas visuais contemporâneos, que acabam por lidar com um público/usuário cada vez mais diversificado, não mais apenas visando um polo de estrutura europeu/americano.

A utilização, por parte de artistas, de ferramentas de comunicação de redes sociais como *Facebook* e *Instagram*, permite acesso a um sistema de difusão, comercialização, distribuição e promoção da arte contemporânea e do próprio artista visual, seja ele consagrado ou um mero desconhecido. Segundo Deiga Brito e Cláudio Rocha, “nas redes sociais, o público interage com os artistas e com suas obras, compartilhando, comentando ou acrescentando suas próprias impressões e significados” (BRITO; ROCHA, 2013, p.1), procuram laços de pertencimento um com o outro. Estes veículos de interação permitem que os usuários se expressem de várias maneiras, através de fotografias, textos e vídeos. As redes sociais virtuais são ferramentas da *internet*, se transformam de acordo com a demanda de carência interativa e ganham cada vez mais funções complementares ao desenvolvimento de diversas conexões além do espaço ao nosso redor. Não há mais fronteiras para a arte, o artista e o público. Multiplicam-se a quantidade de integrantes, aumenta o número de interações livres e espontâneas.

Neste universo de compartilhamentos, em que a vida real se intercrusa com a vida virtual, será possível criar vínculos com o público em geral?

O *Facebook*, criado por Mark Zuckerberg e demais colegas em 2004, é uma das redes sociais mais utilizadas do mundo. Fecha 2015 com 1 bilhão de usuários, e se

desenvolveu a partir das funções da extinta rede “Orkut”. Já o *Instagram*, aplicativo mais ligado ao compartilhamento de imagens, foi criado em outubro de 2010, inclusive por alguns profissionais brasileiros, e conta com crescentes inscrições, neste ano, de 400 milhões de usuários.

Estas redes sociais agem como meios de comunicação, facilitando a troca de informações e ao mesmo tempo a colaboração dos internautas, o compartilhamento de dados, e principalmente a interatividade (a troca de experiências pelos espaços virtuais ou ciberespaços). Isso ocorre quando ambos espectadores/usuários estão conectados pela internet, em seu meio privado tecnológico: computador, tablet, celular etc. Para Maria Amélia Bulhões, pesquisadora destes novos espaços de arte contemporânea, este fato se estende em relações para além de seu território físico-geográfico. Esta interação acontece online e instantaneamente, ou seja, a interatividade se dá em tempo real.

#ART

As *hashtags* ou simbolicamente “#”, exercem a função virtual junto com uma palavra-chave de interação dinâmica entre as redes. São utilizadas mais frequentemente no *Instagram*, facilitando a busca por termos ou categorias de conteúdos publicados, auxiliando nestas malhas. Podem ser nomeados de diversas maneiras, como: Jogo da velha, Cerquilha, Antífen, Cardinal, Tralha, e a nomenclatura oficial contemporânea: “*hashtag*”. Se por acaso resolvermos descrever uma imagem ou texto com uma “#” e uma palavra após o símbolo, logo poderemos encontrar várias publicações, nomeadas a partir daquele termo. Estas palavras-chave são muito importantes nas redes sociais virtuais.

A partir da pesquisa utilizando a palavra em inglês *#Art (hashtag art)* pode-se verificar a quantidade de publicações feita pelos usuários do *Instagram*, como também pode-se encontrar respectivamente em sua ordem de aparição nesta mesma pesquisa: *artist, artwork, instaart, abstractart, artpop, artists, artschool, monoart, contemporaryart, tatoart, foodart, graffitiart, myart, lineart, artlife, artmuseum, artofvisuals, artgallery*, etc, e também pelas palavras em português: Arteurbano,

artesuave, arteurbana, arteobjetiva, artecontemporanea, instaarte, belasartes, artemoderna, artedigital, artederua, artebrasileira, etc.

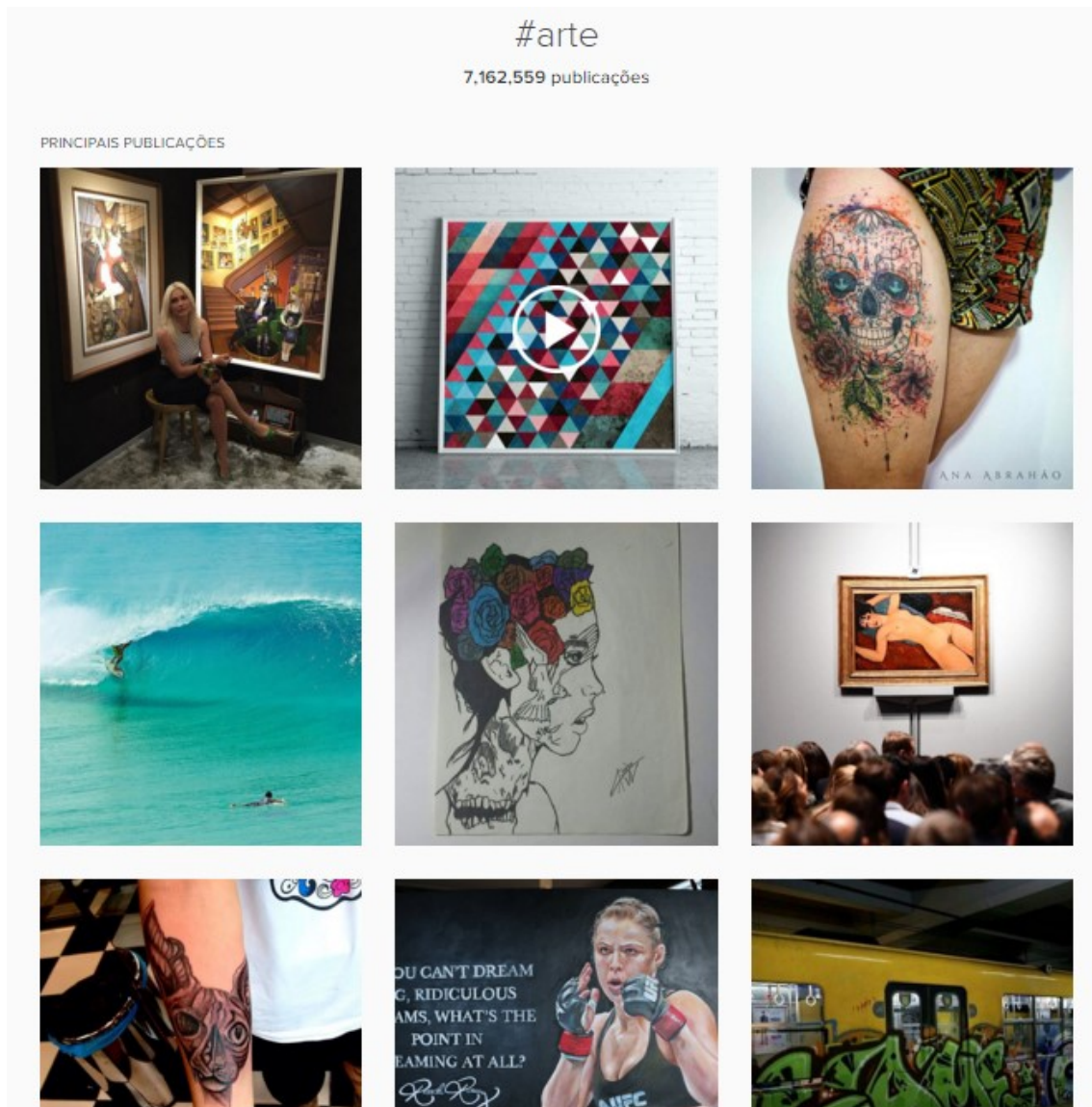


Figura 1: Publicações diversas no instagram com #Art.¹

Aqui podemos fazer uma comparação, ainda que superficial, entre o processo mecânico de agrupamento de imagens possibilitado pelos programas computacionais e o processo de seleção e análise de imagens desenvolvido por um dos mais importantes teóricos e historiadores da arte de todos os tempos. Aby Warburg (1866-1929), no seu trabalho mais conhecido *Atlas Mnemosyne* traçava relações de imagens variadas com outras recorrentes na História da Arte. Suas associações davam-se a partir de uma determinada

¹ Disponível em: <<https://www.instagram.com/explore/tags/art>>. Acesso em: 08 nov. 2015.

temática e eram suscetíveis a constante renovação deste conjunto de imagens, podendo mudar a qualquer momento. Warburg trabalhava com painéis construídos de forma atemporal. A montagem anacrônica era quase uma coleção de recordações – um banco de memórias com imagens que contam histórias.



Figura 2: Pannel 8 - Ascensão ao Sol. ²

Artistas visuais que atuam no ciberespaço estão conectados a diversos mundos. Por isso muitos deles vem adquirindo estas ferramentas interativas e de contato com o público. Entretanto, o artista deve se ater também de uma forma que possa manter o seu público fiel – que frequenta as instituições – como também deve repensar como ganhar novos apreciadores do seu trabalho (ou seriam novos “seguidores”, ou “fãs” que possam estar disponíveis e abertos à recepção de novos trabalhos?). Existe, então, um trabalho árduo por trás destes perfis criados para meios de comunicação, buscado a visibilidade e

² Disponível em:

<<http://ezramagazine.cornell.edu/Update/Oct13/photos/WarburgPanelsDetail.jpg>>. Acesso em: 08 nov. 2015.

compartilhamento de suas poéticas por meio dos sites de redes sociais. Muitas vezes são contratados profissionais qualificados em divulgações, para que haja interação frequente com outras pessoas nestas redes. Estas modalidades da arte em rede, trazem ao meio social relações entre autor e coautor em diferentes níveis de interatividade desde a criação, até participação coletivamente. Neste vai e vem de conexões, será possível criar vínculos com o público em geral?

Alguns artistas contemporâneos brasileiros e internacionais, conhecidos ou não em instituições artísticas, tem buscado a visibilidade e compartilhamento de suas produções artísticas por meio dos sites de redes sociais, que vão de acordo com a afinidade com outros usuários. Agora o público se envolve diretamente na produção da obra final, virtualmente. Como já dizia Marcel Duchamp,

“o ato criador não é executado pelo artista sozinho; o público estabelece contato entre a obra de arte e o mundo exterior, decifrando e interpretando suas qualidades intrínsecas, e desta forma, acrescenta sua contribuição ao ato criador. Isto torna-se ainda mais óbvio quando a posteridade dá o seu veredicto final e, às vezes, reabilita artistas esquecidos. ” (DUCHAMP, 1957, p.2)

A artista brasileira Adriana Varejão é usuária do *facebook* e do *instagram* (figura 3), sendo que o perfil criado no primeiro é direcionado mais à divulgação dos seus trabalhos. Já na outra rede ocorre maior interatividade com o público; todo seu processo de pensamento é divulgado, assim como a narrativa do processo de criação, suas viagens e inspirações para próximos trabalhos, tudo feito pela própria artista. Outros exemplos são também o artista plástico Vik Muniz, o grafiteiro e muralista Eduardo Kobra que além de atualizar a divulgação do seu trabalho, interage em conjunto respondendo comentários do público em geral. No âmbito internacional, também fazem uso destes recursos o artista britânico Damien Hirst, assim como o artista chinês Ai Weiwei, que ganham visibilidade e reconhecimento, mesmo através da apreciação da obra à distância.



Figura 3: relação artista visual e público no mesmo espaço.³

Nesta pesquisa também foi verificado que alguns alunos do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) também começam a utilizar estes recursos de comunicação, criando vínculos com diversas pessoas a partir de suas criações artísticas. Os alunos alegam a facilidade de divulgação – como por exemplo fazer contatos e ser encontrado por pessoas interessadas no seu tipo de trabalho por estas redes. Muitos já foram contactados para a venda ou exposição de suas obras, como é o caso do aluno de design e grafiteiro Guilherme Nunes da Rosa, vulgo Narigas, que possui perfil de divulgação dos seus trabalhos nas duas redes:

“Acredito que o *instagram* tenha um viés mais artístico, as pessoas estão lá porque querem ver uma fotografia bacana, todo mundo desperta sua visão poética sobre as coisas. E o *facebook* é algo mais popular que todo mundo tem. Não que o *instagram* não seja, mas acaba atingindo um outro público, acho que o *instagram* perdeu a ideia inicial de ser a foto do momento e passou a ser mais uma plataforma de ver coisas bacanas.”

³ Disponível em: <www.instagram.com/adriavarejao>. Acesso em: 08 nov. 2015.

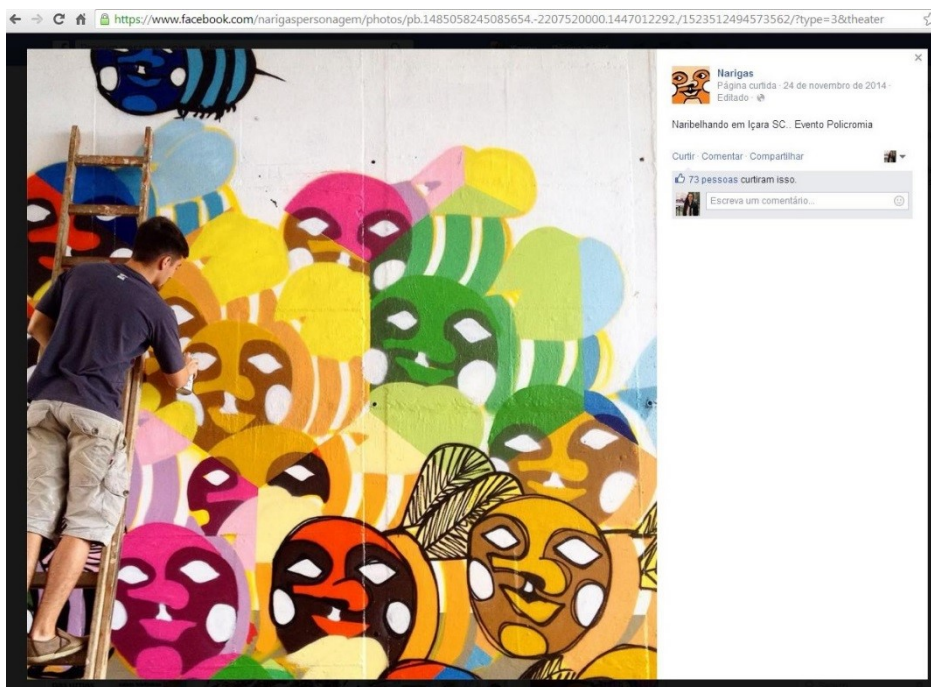


Figura 4: Guilherme em mais um dos seus grafites pelo Brasil. ⁴

CONCLUSÃO

Ao criar vínculos do mundo real para o ciberespaço, o artista visual deixa de ser oculto, registra-se através das diversas conectividades (inclusive afetivas), assumindo a inter-relação da arte com o mundo contemporâneo, ampliando, assim, as fronteiras da história da arte. A obra está para o mundo, e o artista está para o público, tanto quanto o público está para o artista. Com o surgimento da internet, novas ferramentas se desenvolveram. Algumas delas estão sendo utilizadas pela arte. A arte considerada “convencional” não morrerá; tampouco as instituições que a exibem. Redes sociais virtuais nascem todos os dias, como no dia seguinte também podem desaparecer. A arte contemporânea está além do espaço físico e real, do perto e do distante. Abre portas a novas percepções e a um novo tipo de sensibilidade transmitida através das redes sociais. Surge um novo suporte de difusão da arte com/para/pelo o público, e este, com o artista visual e vice-versa. A arte acontece e é expressão de nosso tempo.

⁴ Disponível em: < <https://www.facebook.com/narigaspersonagem>>. Acesso em: 08 nov. 2015.

REFERÊNCIAS

ARANTES, Priscila. Arte e mídia: perspectivas da estética digital. São Paulo: Editora Senac, São Paulo, 2005.

BRITO, Deiga Luane Borges de; Rocha, ROCHA, Cláudio Aleixo. A visibilidade e a difusão da arte por meio das redes sociais – estudo de caso da fan page eu meu chamo Antônio. Puc Goiás. Revista Panorama. edição on line v. 3, n. 1, jan./dez. 2013

BULHÕES, Maria Amelia. Web arte: desafios para a história da arte. Universidade de Brasília. Anais do XXXII colóquio CBHA 2012 - Direções e sentidos da arte. Outubro 2012.

BULHÕES, Maria Amelia. Práticas artísticas em redes sociais virtuais. Revista USP. São Paulo. Dossiê Redes Sociais. n . 92. p. 46-57. Dezembro/fevereiro 2011-2012.

DANTO, Arthur C. Após o fim da arte: a arte contemporânea e os limites da história. [After the end of art: contemporary art and the pale of history]. Trad. de Saulo Krieger, Posfácio à edição brasileira de Virgínia H. A. Aita. São Paulo: Odysseus Editora, 2006.

DUCHAMP, Marcel “O Ato Criador” In: BATTCOCK, Gregory. A Nova Arte. São Paulo: Perspectiva (coleção Debates), 1986, p.72-74 [original do artigo de Duchamp: 1965]. Disponível em: <<https://asno.files.wordpress.com/2009/06/duchamp.pdf>>. Acesso em: 30/11/2015

RAMOS, Paula. Aby WARBURG, e sua contribuição aos estudos em História da Arte - Breves Apontamentos. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/182616590/Aby-Warburg-Breves-Apontamentos-Modo-de-Compatibilidade>>. Acesso em: 30/11/2015

SAMPAIO, Valzeli. Processos, Redes, Malhas, Conexões. Disponível em: <http://anpap.org.br/anais/2015/comites/cpa/valzeli_sampaio.pdf>. Acesso em: 17/11/2015

VENTURELLI, Suzete. Relação, Troca e Interação humano-computador na arte. Disponível em: < http://anpap.org.br/anais/2015/comites/cpa/suzete_venturelli.pdf >. Acesso em: 17/11/2015